

AS FERRAMENTAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM TRABALHO CIENTÍFICO:

Metodologia como peça indispensável.

Jaqueline Teodoro Comin ¹

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

RESUMO

Este trabalho irá trilhar um caminho rumo à construção de uma pesquisa científica, detalhando as ferramentas necessárias, interligando-as, esclarecendo, distinguindo e se aprofundando no campo metodológico com enfoque no local prioritário ocupado neste processo, o qual tem a função de fundamentar nossas pesquisas. Para isso, partiremos de uma concepção do contexto histórico em que emergiram as ciências sociais, quais são suas raízes, como se estruturou no saber científico, quais demandas tem objetivo de englobar, qual seu objeto, quais os objetivos buscados, suas particularidades, métodos e técnicas que a configura. Neste rumo adentrarei na evolução da ciência por meio dos paradigmas estabelecidos e modificados que fazem parte desse processo. Em seguida será especificado as ferramentas necessárias para consolidação de um trabalho científico, que são: teoria, conceito, objeto, hipóteses e metodologia, buscando especificar essas escolhas, como elas se conectam e constituem uma pesquisa. Posteriormente adentrarei no embate metodológico qualitativo-quantitativo, quais os argumentos os mantêm, quais as consequências que essa rivalidade gera nas ciências sociais, como estes se diferenciam, são particularizados e estão interligados neste campo. A metodologia aplicada neste artigo tem base em uma revisão bibliográfica de estudiosos do campo. A intenção é esclarecer alguns pontos sobre a estruturação de um trabalho científico e enfatizar o local em que a metodologia ocupa neste cenário.

Palavras chave: Construção; Ferramentas; Pesquisa científica e Metodologia.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem a pretensão de detalhar as ferramentas necessárias para constituir os alicerces de uma pesquisa científica estruturada, tais como, as escolhas teóricas, o objeto a ser analisada, uma metodologia que abarque as técnicas que carecem um determinado trabalho e corresponda as escolhas desses critérios, assim como a experimentação e observação das hipóteses.

¹ Licenciada em Ciências sociais pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; Acadêmica da turma de 2017 do Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela UFGD. E-mail: jaquelineteodoroc@gmail.com

Para tanto, será feito um caminho histórico no campo específico metodológico da origem das ciências sociais, sua constituição enquanto ciência, a evolução da mesma por meio dos paradigmas, os passos para a construção de uma pesquisa científica, métodos e técnicas a serem utilizados, os quais, adianto ser de extrema relevância neste meio e será ressaltado aqui.

Nessa direção busco esclarecer estes pontos acima citados, dialogando com a necessidade da compreensão, diferenciação e importância das técnicas utilizadas em uma pesquisa, bem como os problemas que resultam as confusões, e o local secundário em que é situada em geral as ciências sociais brasileiras.

Posteriormente adentrarei no debate dos métodos quantitativos e qualitativos, especificando suas distinções, similitudes, especificidades no uso das técnicas, sua suposta “bipartição”, e respectiva interdependência de ambas, destacando a importância dessas metodologias especificadas.

Isto posto, o método utilizado será a revisão bibliográfica acerca dos temas acima mencionados, tais como: origem das ciências sociais, teoria, conceito, objeto, metodologia e técnicas neste campo, pesquisa qualitativa e quantitativa. Para isto, destaco a contribuição de autores como: ADORNO (2008); KUHN (1991); BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSEDON (2002); PIRES (2012); BECKER (2014); CELLARD (2008); REIS (1991) e CANO (2012).

O objetivo aqui buscado é de enfatizar a dimensão da importância da parte técnica na sustentação de uma pesquisa científica, detalhando e esmiuçando as ferramentas necessárias, bem como, a escolha metodológica e das respectivas técnicas que fundamentarão e validarão a nomeação científica.

2 A CONSTITUIÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO CAMPO CIENTÍFICO: EVOLUÇÃO E PARADIGMAS.

É essencial nos situarmos no locus em que esta ciência esta inserida, desde a sua origem para compreendermos como esta se estruturou, assim como, suas raízes, em que contexto histórico surgiu, quais as necessidades que esta ciência abrange, seus precursores, quais os objetivos buscados, suas particularidades, métodos e técnicas em seu domínio, para assim, acompanharmos o desenvolvimento da mesma e elucidarmos adiante as ferramentas necessárias para sua construção.

Destarte as ciências sociais surgiram no século XIX com o intuito de apreender as relações sociais e organização da sociedade em seu desenvolvimento em meio às evoluções tecnológicas, econômicas e sociais. As raízes desta, ocorreram a partir da filosofia e Auguste Comte, considerado “pai” da sociologia. Sobre a conjuntura em que a ciências sociais é introduzida nas ciências:

As ciências sociais são um produto do mundo moderno e seu desenvolvimento se insere em um contexto de um processo evolutivo de especialização e de autonomização do saber ocidental. Assim, “suas raízes se embrenham na tentativa [...] de desenvolver um conhecimento secular sistemático do real, válido empiricamente, de qualquer maneira” (COM. GULB., 1996: 8). Esse projeto ganhou o nome de ciência (do latim, “saber”) [p. 8] e começou a se constituir como tal a partir do século XVI, introduzindo uma primeira distinção entre o campo da “ciência” e o dos outros saberes. Parece que as ciências sociais emergem lentamente, portanto, sob a forma de uma economia política. (PIRES, 2012, p.46)

Neste sentido, a busca pela distinção da ciência enquanto saber validado é sucedido por August Comte através do positivismo, o qual procurava leis, assim como os fenômenos da natureza, regularidades nos fenômenos sociais, a fim de averiguar e detalhar os mesmos, analisando generalizações que fossem aplicáveis socialmente.

Seja como for, de um lado, Comte era tomado por orientação ou nostalgia pela ciência natural, ou possuía um ideal nos termos das ciências naturais. Mas, de outro, ainda portava um ideal filosófico secularizado, na medida em que tinha em mente um direcionamento da sociedade pela Sociologia no sentido da verdade conforme sua teoria. Assim fica visível como o caráter duplo ou a ambigüidade da Sociologia atinge até mesmo seu ponto de partida teórico. (ADORNO, 2008, p.60)

Dá já decorre alguns pontos complexos na compreensão desta ciência desde seu ponto inicial, neste sentido, um estudo com um objeto móvel, que fala e está em constante mudança de suas inter-relações, a mesma só poderia possuir uma interdisciplinaridade de disciplina para compreender todos os processos envolvidos em torno desta.

Neste ponto, devemos nos atentar na amplitude que este campo envolve para não nos confundirmos nas aplicações científicas, por isso a importância de entendermos esta lógica e as técnicas necessárias neste meio. Sendo assim:

Uma das tarefas das ciências sociais reside, portanto, em manter visível o que tem tendência a se tornar novamente invisível, ou a tornar de novo visível o que já foi descoberto, mas nós havíamos perdido de vista; em suma, impedir que seja recoberto o que foi descoberto, ou descobrir uma outra vez, ou de outro modo, a mesma coisa. Disso resulta uma relação particular com a história, inclusive a história dos saberes: é preciso retroceder para redescobrir o que foi encoberto, ou para lançar luz sobre as causas, origens e

consequências de um problema atual, de ordem social ou cultural. (PIRES, 2012, p.52)

Por esse ângulo, o processo de descoberta inclui um procedimento de apropriação teórica efetiva. Essa perspectiva abrange a escolha ciente de um paradigma que constitua os caminhos delineados. Este discriminará um fundamento epistemológico que suporte e comprove os métodos aplicados, ou seja, é necessário dispor de uma teoria para certificar as premissas postas em questão, assim como, o problema e hipótese inicial.

Por conseguinte, paradigma refere a uma estrutura mental de interpretação, a qual é assumida pelos pesquisadores, para classificar o real, ou seja, um modelo de teoria mediante experimentação para legitimação do campo científico por um determinado tempo. Estes atuam como orientadores de uma pesquisa, são as lentes da ótica de quem as compõe.

Eles são fonte de métodos, áreas problemáticas e padrões de solução aceitos por qualquer comunidade científica amadurecida, em qualquer época que considerarmos. Conseqüentemente, a recepção de um novo paradigma requer com freqüência uma redefinição da ciência correspondente. Alguns problemas antigos podem ser transferidos para outra ciência ou declarados absolutamente “não-científicos”. (KUHN, 1991, p.137-138)

Neste processo científico elucidado por Kuhn (1991) há a evolução da ciência, a qual para ele “não é só uma evolução linear, há declínios para posteriormente evoluir ciclicamente”, ou seja, momentos que oscilam entre altos e baixos, onde há paradigmas, instaurando-se as crises a partir das anomalias (são discordâncias entre previsões e resultados, entre teoria e empiria), há a transição de um paradigma em crise para um novo, “o qual é uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios”, muda-se a forma de olhar o real. Desta maneira, há a evolução e progresso científico.

[...] características comuns [...] as descobertas das quais emergem novos tipos de fenômenos. Essas características, incluem: a consciência prévia da anomalia, a emergência gradual e simultânea de um reconhecimento tanto no plano conceitual como no plano da observação e a conseqüente mudança das categorias e procedimentos paradigmáticos — mudança muitas vezes acompanhada por resistência. (KUHN, 1991, p.89)

Essas crises representam a necessidade de mudança das ferramentas utilizadas nesta ciência. As anomalias que caracterizam o início desta transformação, indica a carência de substituição de um paradigma por outro. Com isso, também são remodelados seus métodos, padrões e objetivos.

A novidade não antecipada, isto é, a nova descoberta, somente pode emergir na medida em que as antecipações sobre a natureza e os instrumentos do

cientista demonstrem estar equivocados. Frequentemente, a importância da descoberta resultante será ela mesma proporcional à extensão e à tenacidade da anomalia que a denunciou. Nesse caso, deve evidentemente haver um conflito entre o paradigma que revela uma anomalia e aquele que, mais tarde, a submete a uma lei. (KUHN, 1991, p.130-131)

Por consequência é desenvolvida uma nova teoria, modificam-se os problemas, as soluções, bem como os critérios de uma formulação científica. Neste sentido, demos o ponto pé inicial para a estruturação de uma pesquisa científica consolidada, a partir da compreensão histórica da origem das ciências sociais, o contexto e amplitude desta ciência, sua evolução e a concepção de como são estabelecido às teorias, as quais orientam e são uma das principais escolhas que conduzirão nosso trabalho. Assim, podemos aprofundar nas ferramentas complementares deste processo.

3 AS FERRAMENTAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA CIENTÍFICA:

3.1 TEORIA - CONCEITO

Neste embalo, a teoria sem dúvida é uma dessas partes fundamentais, já que dirige o trabalho desde sua experimentação, observação até a legitimação empírica, esta última por meio da metodologia que lhe confere validação. Por isso, é de suma importância a consciência na escolha desta e no papel que ela desempenhará em uma pesquisa, caso contrário, será uma confusão de idéias mal organizadas. Com isso, que fique claro, que a ciência começa na escolha da visão teórica, a qual organiza nossas observações, e não o contrário.

Além disso, há alguns detalhes em que devemos nos atentar em torno de nossa produção científica, as quais não tem a capacidade de englobar toda a realidade, serão imperfeitas, terão falhas, assim como acertos, e, Pires (2012, p.65) “que o conhecimento que ele produz é um conhecimento aproximado [...]”. Nessa acepção é imprescindível compreender a função da teoria para não continuarmos a produzir trabalhos teóricos de menos e empíricos de menos. Pensando nesta perspectiva, a relação teoria-empíria são fundamentais neste processo:

Todas as observações do mundo empírico (científicas ou não) são impregnadas - em diferentes graus - de "teorias" (mais, ou menos válidas, conforme o caso). A orientação teórica dada à descrição de um conjunto de fatos objetivos numa pesquisa é sempre, portanto, uma forma de construção da realidade, mas isso não impede que haja construções mais válidas (tanto de um ponto de vista empírico quanto sob o ângulo dos valores), do que outras. O que significa dizer que a pesquisa comporta sempre uma seleção de aspectos da realidade e deformações (aceitáveis, ou não) da mesma, em virtude da finalidade da pesquisa. De igual modo, tais pesquisas trazem nelas

um “projeto de sociedade”, que faz parte da discussão. Contudo, o projeto científico de construção do objeto não é necessariamente incompatível com a busca de uma determinada forma e de um certo grau de objetivação ou de precisão na descrição do real. Ele deve “dar conta” do real. (PIRES, 2012, p.58)

Destarte a sociologia decorre da experimentação e observação (através dos métodos e técnicas), ou seja, o mundo empírico, palpável, o social e não somente a teoria, ambos se completam na construção desta ciência. Teoria e empiria (técnicas) se articulam pela intermediação de um conceito, o qual irá compor nossa próxima ferramenta científica.

Para Adorno, os conceitos só possuem relevância quando encontramos sua expressão na sociedade do que lhe é mais intimamente próprio e não se encontra manifesto naquilo que se observa a olho nu.

Em seu entender, os conceitos não podem ser desvinculados dos objetos a que se referem, são intrínsecos a eles. [...] Estes, na sua concepção, só têm valor para o conhecimento da sociedade quando, longe de apenas permitirem reconhecer esse ou aquele fenômeno social, permitem que a própria sociedade encontre neles a expressão do que lhe é mais intimamente próprio e não se encontra manifesto naquilo que se observa a olho nu (ou com simples lentes de aumento). Exemplo disso é o conceito de classe social. (ADORNO, 2008, p.21)

Deste modo, como os conceitos estão interligados com o objeto, é preciso que esclareçamos o conceito do objeto das ciências sociais, o qual corresponde a sociedade, esta enquanto objeto particular deste campo, é nominado por Adorno (2008, p.32) como “categoria de mediação”. “Como tal, não se basta nem se fecha em si mesma (logo, não é algo a ser definido).” Outro conceito que está diretamente vinculado a este é o de indivíduo, que para este mesmo autor:

[...] decorre que, pensadas as coisas desse modo, o conceito de indivíduo também é categoria de mediação na teoria social crítica. Em seu contraditório entrelaçamento, ambos, sociedade e indivíduo, compartilham a limitação, imposta pela dinâmica do processo maior do qual participam, de não terem como se constituir plenamente em sujeitos (entes capazes de dar início a ações de modo autônomo), levados que são a se determinarem reciprocamente como objetos. (ADORNO, 2008, p.33)

Em vista disso é estabelecida a articulação entre teoria, conceito e objeto, os quais formarão a base para compreensão da metodologia como ferramenta indispensável neste caminho.

3.2 OBJETO

O objeto se dá por meio das relações construídas intencionalmente, com um propósito em si. Este só pode ser estabelecido e desenvolvido em razão de uma problemática teórica que possibilite englobar os questionamentos dos aspectos que envolvem a realidade do contexto em relação às hipóteses levantadas, as quais são metodicamente formuladas por meio da observação ou experimentação. Diante disso, as hipóteses constituem uma ferramenta de legitimação da pesquisa científica, tornando-a palpável. Perante o exposto, temos que compreender como o objeto é construído.

Efetivamente, fala-se em objeto construído em três sentidos diferentes, [...] Num primeiro sentido, essa noção designa a construção de um objeto disciplinar. Diz-se, aqui, que cada disciplina “constrói seu objeto” [...] Num segundo sentido [...] remete ao fenômeno da pré-construção social do objeto de estudo. Por “pré-construção” busca-se dizer que o objeto foi concebido por um trabalho do espírito, ou criado por meio de instituições e de práticas sociais [...] a noção de objeto construído designa também o procedimento metodológico do pesquisador. (PIRES, 2012, p.58-59)

Em razão disso a escolha das técnicas dependem do objeto e teoria que serão utilizados. O pesquisador deve dialogar com o objeto e o problema levantado para fazer suas escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas para organizar o conhecimento produzido.

Assim, é pelo poder de ruptura e pelo poder de generalização, sendo que os dois são inseparáveis, que o modelo teórico é reconhecido: como depuração formal das relações entre as relações que definem os objetos construídos, ele pode ser transposto para ordens de realidade, do ponto de vista fenomenal, muito diferentes e sugerir por analogia novas analogias, princípios de novas construções de objetos [P. Durkheim, texto n° 33; N. Campbell, texto n 34]. (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSEDON, 2002, p.71-72)

Assim, ocorre a verificação sistemática do objeto e a problemática levantada, em um esforço para distanciar-se da realidade, no sentido de estar consciente do objeto propositalmente construído. Esta procede à comprovação da ciência por meio da metodologia.

3.3 METODOLOGIA

Após dialogarmos sobre teoria, conceito e objeto percebemos que a escolha dos problemas e métodos estão conectados e fazem parte da última, mas não menos importante, de nossas ferramentas para construção de uma pesquisa científica. Desta forma, a metodologia é essencial neste conjunto, sendo ela quem organiza as verificações que dão autenticidade à uma pesquisa. Cada metodologia possui técnicas distintas, portanto, é preciso compreendermos a diferença destes dois termos:

Métodos seriam estratégias de produção de conhecimento científico, incluindo a geração e a validação de teorias. Técnicas seriam formas padronizadas de coleta e análise de dados, com a mesma finalidade, a de produzir conhecimento válido. Embora a diferença entre os dois conceitos seja porosa, o método é muito mais abrangente e se aproxima da epistemologia, contemplando estratégias gerais, enquanto que a técnica é específica e concreta. (CANO, 2012, p.107)

Por conseguinte a metodologia deve dialogar com as escolhas teóricas e de seu objeto, nessa lógica, pensaremos no tipo de conhecimento que iremos utilizar dentro do arcabouço teórico deste campo. Para isso, o pesquisador adota um posicionamento em relação à ótica que irá seguir na construção desse conhecimento. Segundo Pires (2012, p.48) há “pelo menos três grandes opções ou modelos que foram defendidos, com variações internas mais ou menos marcantes: o olhar do exterior, o olhar do interior e o olhar de baixo”.

Neste caminho em busca da estruturação do conhecimento, o ponto de partida do pesquisador é o senso comum, em que, enquanto indivíduo social, esta imerso em uma determinada cultura, valores e crenças. Porém, é preciso que o ponto de vista deste seja direcionado na procura da realidade social. Assim, temos os três modelos acima citados, com a mesma intenção de alcançar o conhecimento objetivo, os quais, dois remetem à um posicionamento referente a neutralidade e o último a concepção de prenoção.

Para apreender essas três opções, caracterizá-las-ei de acordo com as distinções de Pires (2012). Segundo este autor, o olhar do exterior fundamenta-se nas ciências naturais, no sentido da busca pela neutralidade na observação do mundo social distante, de fora, um exemplo desta perspectiva era um dos precursores da sociologia, Durkheim. Já o olhar do interior, leva em consideração a subjetividade dos indivíduos estudados, o sentido que atribuem as suas experiências, os quais, a partir deste ponto de vista constitui material de observação. E finalmente o olhar de baixo, para Pires (2012, p.74) um olhar que possui um posicionamento, o qual atesta que “os interesses sociais influem na objetividade dos sujeitos”, ou seja, o mundo em que o indivíduo se insere exerce influência em suas escolhas e afeta sua posição diante do mundo, onde sociedade e indivíduo se interligam. Um grande exemplo deste modelo foram os escritos de Karl Marx.

Desse modo, o ponto de vista adotado atinge diretamente o caminho que será seguido, o qual é fundamentado na metodologia escolhida para nos guiar e comprovar nossas hipóteses e problemas levantados, os quais constituem o *corpo* de uma pesquisa, ou seja, uma pesquisa

sem *corpo*, nada mais é que uma *cabeça* desconexa rolando solta ladeira à baixo. Deu para entender a indispensabilidade desta ferramenta?

4. MÉTODOS ESPECÍFICOS: O DEBATE QUALITATIVO-QUANTITATIVO

Há um suposto embate metodológico entre as pesquisas qualitativas e quantitativas, o qual é gerado entre as pessoas, alunos do meio e até alguns professores, porém, o mesmo não ocorre de fato entre os dois métodos, que pelo contrário, quanto utilizados em conjunto, se couber em uma pesquisa, irá enriquecê-la com uma variedade de dados e experimentações maior. Esta divisão foi criada referindo a validade das técnicas aplicadas por esses métodos, quanto aos critérios de cientificidade, em um conflito de qual seria o mais eficiente, ou mais abrangente, ou ainda mais confiável, etc.

Antes de tudo, ela reconhece imediatamente a dificuldade e a complexidade dos problemas quanto aos critérios de cientificidade. Por exemplo, Canguilhem (1988) mostrou, com base na história das ciências naturais, que um processo de revisão progressiva dos critérios de cientificidade é trabalhado, e que é apenas pelo recuo histórico que se pode descobrir (no sentido dado mais acima) que alguns desses critérios, considerados antes como determinantes, decorrem, na realidade, principalmente da ideologia científica. Assim, os cientistas eram persuadidos de que a linguagem matemática era um critério indispensável de cientificidade e o único capaz de trazer “provas definitivas” ao mundo empírico, ainda que se possa ver, agora, que tal não era o caso. À crença inversa se manifestou de modo menos frequente, mas é igualmente equivocada [...](PIRES, 2012, p.54)

Dessa maneira, essa argumentação se estendeu para a genuinidade dos dados, no sentido de qual seria mais eficiente na busca pela objetividade científica. Assim, o método quantitativo de início pode ser particularizado pelos dados explicados através do tratamento dos numerais e suas variações, com intuito de obter dados precisos e que possam ser comparáveis. Já o qualitativo teria uma preferência pela pesquisa histórica na busca de uma contextualização mais profunda e desenvolver o tratamento dos dados a partir das palavras dos próprios atores, seja por entrevistas, análises documentais, pesquisa de campo, observação participante, história de vida, etc.

Os grandes exemplos clássicos desses métodos são Durkheim, em “O Suicídio (1897)” com o tratamento dos dados quantitativos, onde ele procura regularidades nos índices de suicídios, para a partir destas, explicar as frequências e diferenças por meio das taxas de diferentes regiões, considerando as particularidades culturais e históricas de cada local. Já os precursores do método qualitativo no campo das ciências sociais foram Franz Boas e Bronislaw Malinowski, a partir das técnicas etnográficas para analisar as culturas nativas

através da participação intensa durante convívio com determinado grupo a fim de compreender os valores culturais, o sentido em que os indivíduos estudados atribuem as suas vivências, sua subjetividade. Mas, o que de fato constitui uma pesquisa qualitativa? :

Pode-se, então, provavelmente dizer que a pesquisa qualitativa se caracteriza, em geral: a) por sua flexibilidade de adaptação durante seu desenvolvimento, inclusive no que se refere à construção progressiva do próprio objeto da investigação; b) por sua capacidade de se ocupar de objetos complexos, como as instituições sociais, os grupos estáveis, ou ainda, de objetos ocultos, furtivos, difíceis de apreender ou perdidos no passado; c) por sua capacidade de englobar dados heterogêneo, ou, como o sugeriram Denzin e Lincoln (1994: 2), de combinar diferentes técnicas de coleta dos dados; d) por sua capacidade de descrever em profundidade vários aspectos importantes da vida social concernentemente à cultura e à experiência vivida, justamente devido à sua capacidade de permitir ao pesquisador dar conta (de um modo ou de outro) do ponto de vista do interior ou de baixo; e) finalmente, por sua abertura para o mundo empírico, a qual se expressa, geralmente, por uma valorização da exploração indutiva do campo de observação, bem como por sua abertura para a descoberta de “fatos inconvenientes” (Weber), ou de casos negativos”. Lya tende a valorizar a criatividade e a solução de problemas teóricos propostos pelos fatos inconvenientes. (PIRES, 2012, p.90-91)

Já os métodos quantitativos se especificam no sentido de suas técnicas alcançarem um grau de padronização mais exato fornecendo tipo e tamanho de uma amostra por exemplo. Após esse esclarecimento e particularização de cada um dos métodos, podemos indagar o que de fato há distinto entre estes, causando o embate das escolhas metodológicas. Um ponto a ser levantado são os dados e questões geradas por cada um para encontrar regularidades sociais. Os pesquisadores quantitativos atingem esses resultados pela interação das variáveis numéricas precisas, já os pesquisadores qualitativos em seus resultados há uma teia ampla de informações que se forma durante o processo em campo, neste caminho há a possibilidade de surgirem novos elementos e até influenciar os rumos da pesquisa. Desta maneira, esse método vai sendo produzido e alterado, tendo um caráter mais flexível.

Neste sentido, percebemos que as particularidades desses métodos não influenciam em uma antítese instrumental, as quais não podem sob nenhuma circunstância trabalharem juntas, pelo contrário, as semelhanças entre elas são mais essenciais, ambas tem como objetivo detalhar a realidade social e são originadas do mesmo conhecimento. A discordância ocorre em relação, Becker (2014), à ênfase que cada uma atribui para apreender o contexto histórico. Contudo, se encontram correlatadas uma a outra, pois cada pesquisa baseada em um objeto particular se fundamenta em uma afirmação generalizante, bem como cada pesquisa geral busca casos individuais para legitimação do geral.

Destarte, a opção metodológica e das técnicas ocorrem com base no assunto que tratará a pesquisa e o contexto em que estará situada, e não na empatia particular de quem realiza o trabalho. O que deve ser levado em consideração é como será construído e legitimado os problemas e hipóteses em torno do objeto de pesquisa, ou seja, é importante utilizar uma lógica para escolha do método que melhor sustente seu trabalho. Dialogando sobre as escolhas em questão, Pires (2012, p.87) diz:

A metodologia é uma só, as grandes questões de ordem metodológica concernem tanto às pesquisas quantitativas, quanto às pesquisas qualitativas [...]. Certamente, uma série de Questões e de estratégias precisas se aplica a tal ou qual técnica de observação empírica, forma de amostragem, ou modalidade de tratamento dos dados, etc., mas isso não permite propriamente falar em “uma metodologia à parte”.

Com isso, constatamos que as metodologias qualitativas e quantitativas, de forma alguma são opostas, mas sim paralelas. Para Pires (2012, p.88) “o termo metodologia designa uma reflexão *trans* teórica e *trans* disciplinar da prática de pesquisa”. Por conseguinte refletimos o quanto estamos perdendo ao não conhecer ambas as técnicas e utilizá-las da melhor forma possível para validar nossas pesquisas.

Consequentemente, nenhum número sozinho serve de base para explicação teórica, é preciso utilizar as palavras para atribuir sentido a sua interpretação. De qualquer modo é necessário avaliar os dados, seja qual forem às técnicas utilizadas para atestar alguma resposta concreta. Nessa lógica, Cano (2012, p.107) “[...] é preciso dizer que o método quantitativo e o método qualitativo, a rigor, não existem, por mais que os termos sejam usados à exaustão. A quantificação ou não das mensurações é um aspecto exteriormente muito visível, mas secundário do ponto de vista epistemológico.”

Agora que esclarecemos a suposta oposição entre métodos qualitativos e quantitativos, podemos pensar como estes podem atuar na mesma pesquisa, de forma a serem complementares na análise dos dados, seja explicando os resultados numéricos, ou organizando entrevistas. Para isso, é preciso que o objeto e problemas careçam e englobem essas técnicas utilizadas em conjunto. Desta maneira, Pires (2012, p.81):

[...] os pesquisadores qualitativos e quantitativos trabalham de modo inteiramente análogo e que as duas formas de medida têm as mesmas funções epistemológicas centrais, a despeito de suas diferenças, por outro lado. Nesse sentido, a medida tem a dupla função de explorar refletindo e de refletir explorando.

Portanto, a interação entre o método qualitativo e quantitativo é paralela e não hierárquica, no sentido de classificar uma como mais eficaz ou abrangente que a outra, sendo preciso escolher entre essas. Este debate gerou certa rejeição em relação a utilização das técnicas quantitativas, e, conseqüentemente, o empobrecimento da produção brasileira e dependência intelectual de pesquisas estrangeiras que abordem temáticas em torno dessa metodologia. O resultado em decorrência dessa separação é para Cano (2012, p.117) “Enquanto os cientistas sociais se autolimitam deliberadamente, o espaço é ocupado por economistas, por engenheiros ou arquitetos em temas urbanos, por epidemiologistas em temas de saúde e por outros profissionais com menos preconceitos metodológicos.”

O que envolve a utilização de todas essas ferramentas na construção da pesquisa são as escolhas do pesquisador, ele quem determina seu objeto e a partir desse engloba a teoria, as hipóteses a serem levantadas e os métodos que sustentarão. Por isso, a compreensão do passo a passo e a relevância deste para o desenrolar de uma pesquisa bem alicerçada é fundamental para orientar o caminho a seguir.

Portanto os métodos não são adversários inimigos, e sim constituem um leque de opções para legitimar suas observações e experimentações. Por conseguinte, Cellard (2008, p.305) atesta que “é a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções, que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise”.

Esse processo constitui estratégias formuladas a priori em direção as análises desenvolvidas e posteriormente sustentadas no trabalho. É de suma importância a metodologia, pois como podemos verificar ela nos fornece o trato dos dados e da suporte a toda pesquisa, incorpora o caráter científico. Assim, o levantamento de dados requer um tempo de reflexão, de construção, desconstrução e reconstrução aberta, o qual produz as explicações necessárias e palpáveis que constituirão uma pesquisa científica.

5. CONSIDERAÇÕES

Este artigo tem o intuito de esclarecer as ferramentas necessárias para a construção de uma pesquisa, e ressaltar dentre elas a metodologia como corpo de toda pesquisa. Esta preocupação parte da carência metodológica no campo das ciências sociais brasileiras e em minha imersão na disciplina “Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais” ofertada no curso de pós-graduação em sociologia em que estou cursando atualmente. Esta compreensão

também estava impregnada em minha mente por um distanciamento e colocação em segundo plano desta ferramenta indispensável, devido a ausência desse conhecimento específico.

Para tanto, o caminho percorrido foi em torno de uma construção histórica do surgimento das ciências sociais, bem como a evolução da ciência por meio dos paradigmas. Essa primeira parte teve a função de situar o contexto do campo que iríamos explorar, pois as confusões geradas na área partem desde o princípio, porque pulam ou passam de forma superficial as origens, conseqüentemente, quando não se conhece as bases, o desenvolvimento da mesma não é compreendido, pois há esta lacuna.

Neste caminho, procurei detalhar as ferramentas que constituem um trabalho científico, explicando cada item e como esses estavam conectados neste processo de formação. Estes eram constituídos pela teoria, o objeto e a metodologia, todos estes direcionados pelo pesquisador, então, a partir deste momento parte a importância de apreendermos o leque disponível de opções e sabermos utilizar as ferramentas de maneira coerente.

Desta maneira, este texto culmina no aprofundamento da importância metodológica e das técnicas para consolidação de um trabalho científico, as quais são afastadas por alguns alunos, pesquisadores, professores, devido a confusões teóricas metodológicas formadas no imaginário deste campo. Nesse sentido, busquei analisar o debate metodológico qualitativo-quantitativo para desmistificar essa dicotomia inseparável que circundam essas técnicas e geram conseqüências na evolução desta ciência.

Após a verificação da influência da separação desses métodos, os argumentos utilizados que sustentam essa divisão foram destrinchados com objetivo de esclarecer as particularidades de cada método, assim como, as diferenças, semelhanças e relação entre eles. Em seguida, após detalhar cada um, podemos analisar seus pontos de conexões e como estes poderiam ser usados como técnicas multivariacionais.

O objetivo em trabalhar com a construção do fazer científico e metodologia parte de um esforço de demonstrar detalhadamente o passo a passo nesse caminho, bem como definir e esclarecer sua relação e o movimento deste processo. Por conseguinte, enfatizar a parte técnica nessa ordem, com a preocupação com o fazer científico do campo e evolução deste socialmente.

Há muitas questões que resultam nesse “rebaixamento” do campo, como os professores da área que não entendem bem o assunto e geram mais confusões, ou seja, a má formação também está incluída neste pacote. A falta de empatia e conhecimento da necessidade de domínio dessas técnicas na consolidação de uma pesquisa. A primazia dos métodos qualitativos nas ciências sociais pelos métodos quantitativos, bem como a rivalidade criada por alguns estudiosos da área.

A intenção foi elucidar esse processo de construção científico, detalhando as ferramentas e esclarecendo os métodos, assim como a compreensão do papel fundamental desempenhado por estes. Espero ter esclarecido alguns pontos, gerado questionamentos, deixado inquietações e lacunas para que esse campo tenha continuidade e os pesquisadores e estudiosos das ciências sociais assimilem e abracem a metodologia como ferramenta primordial na estrutura e evolução da área.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, T.W. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2008 p.19-60.

BECKER, H. **A Epistemologia da Pesquisa Qualitativa**. Revista de Estudos Empíricos em Direito 184 Brazilian Journal of Empirical Legal Studies vol. 1, n. 2, jul 2014, p. 184-198

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C. & PASSERON, J.-C. **A profissão de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. Petrópolis : Vozes, 2002.

CANO, I. **Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil**. Sociologias, Porto Alegre, ano 14, no 31, set./dez. 2012, p. 94-119.

CELLARD, André. **“A análise documental”**. In: Poupart, Jean. A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis, Vozes, 2008, p. 295-316.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira & Nelson Boeira. São Paulo, Perspectiva, 1991.

PIRES, A.P. **Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais.** p. 43-94. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2012 .

REIS, F. W. **O Tabelão e a Lupa: teoria, método generalizante e ideografia no contexto brasileiro.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 16, n. 6, julho,1991.